

VIDA E LUTA DOS ACAMPADOS DA BACIA DO ALTO PARANÁ

Vivian Helena Ávila – UFMS/CPTL
vivica_avila@yahoo.com.br

O presente artigo é resultado de reflexões acerca do projeto de extensão – A experiência de vida e luta pela Terra: um estudo de caso dos acampados da Bacia do Alto Paraná, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Rosemeire A. de Almeida, no período de março a julho de 2004. Teve como objeto de estudo os acampamentos Nova Canaã, Santa Isabel e Margarida (Castilho/SP); Lagoão (Itapura/SP) e Moeda (Três Lagoas/MS).

O principal objetivo do projeto de extensão foi entender o processo de formação dos acampamentos, com destaque para a trajetória de vida das famílias e formas de luta, buscando ainda discutir as diferenças e similitudes entre os acampados, bem como o significado da presença de diferentes mediadores na luta pela terra (MST, SINTRAF/CUT, STRs/FETAGRI, etc).

A questão agrária brasileira é tão antiga quanto à própria colonização do Brasil, datando de meados de 1530. Contudo os acampamentos como mecanismo de pressão são uma nova forma de luta pela terra inaugurada pelo MST (no final do anos 60 o MASTER utilizou esta forma de luta, porém sem o grau de organização que tem hoje); tendo como marco no país o acampamento Natalino, constituído no local Encruzilhada Natalino – Ronda Alta/ RS, no final dos anos de 1980.

[...] As famílias foram-se instalando, de dezembro de 1980 até junho de 1981, ao longo da rodovia, foram *construindo uma identidade* de movimento que, mesmo com todas as tensões internas, unificou-se em torno da reivindicação de terra no próprio estado. (MARCON, 1997, p. 25-26. grifo do autor)

Assim, os acampamentos colocam-se como forma de resistência ao sistema econômico vigente, demonstrando como é necessária a realização da reforma agrária.

Os acampamentos, numa primeira impressão, são semelhantes, podendo ser descritos como um conjunto de barracos de lona preta, onde pessoas excluídas do sistema tentam viver; mas quando analisados por seu conteúdo, as diferenças são visíveis, tanto pela organização de cada acampamento, ou pelos diferentes mediadores, quanto pela própria identidade dos acampamentos.

A coordenadoria de cada acampamento é um fator fundamental para entendê-los, os acampamentos estudados eram mediados dessa forma:

Acampamento	Município/Estado	Mediador
Lagoão	Itapura/SP	MST
Margarida	Castilho/SP	SINTRAF/CUT
Moeda	Três Lagoas/MS	FETAGR/CONTAG
Nova Canaã	Castilho/SP	SINTRAF/CUT
Santa Isabel	Castilho/SP	MST

FONTE: ALMEIDA, R. A. **VIDA E LUTA DOS ACAMPADOS DA BACIA DO ALTO PARANÁ**. Três Lagoas. 2004. (Relatório do Projeto de Extensão).

A vida nos Acampamentos

- Lagoão

No acampamento Lagoão mediado/organizado pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) a consciência política acerca da luta de enfrentamento como o caminho para a conquista da terra era mais forte do que nos demais, além disso, o envolvimento dos acampados com a luta era diário e o próprio espaço de vivência favorecia esse florescer. O acampamento Lagoão, possuía uma sala para reforço escolar, onde os outros acampados auxiliavam as crianças e os demais estudantes; essa mesma área era usada para reuniões entre a coordenadoria e os acampados; diferentemente dos demais acampamentos, nesse a coordenadoria se dividia entre dez grupos e o coordenador geral, cada morador entrevistado tinha total conhecimento do processo jurídico referente à desapropriação da fazenda. Até então estavam acampados há um ano e meio, e contavam noventa (90) famílias na lona. Os problemas internos eram resolvidos ali mesmo de casamentos a separações, segundo o coordenador Ivan, mais conhecido por Pernambuco; a prefeitura de Itapura auxiliava e apoiava os acampados segundo os depoimentos.

O acampamento ainda possui uma área reservada para o plantio, já realizado por eles, que ia de plantas comestíveis (ex. mandioca) às plantas medicinais. Em outra área havia criação de aves e suínos e um pouco de gado de leite para consumo próprio, além de plantações de milho e feijão, tudo realizado na margem da estrada. O trabalho era realizado por todos os homens, cabendo as mulheres a limpeza e manutenção das áreas comunitárias e de seus lares.

A organização fazia da permanência no acampamento o requisito fundamental para a conquista do futuro lote. Por se encontrar ao lado de um assentamento, contavam com o auxílio no fornecimento de água potável.

- Nova Canaã

A história do acampamento Nova Canaã começa em 2001, pessoas desistentes do antigo acampamento Timboré, hoje assentamento (Andradina/SP). O acampamento está localizado nas margens da estrada, de frente para a fazenda pleiteada.

Os acampados contam com o auxílio da prefeitura para o fornecimento de água, que ocorre duas vezes por semana. Os acampados ainda contam com a parceria da Econg, que oferece cursos aos acampados sobre apicultura que, segundo o coordenador do acampamento, Cláudio, e o diretor da Econg, Roberto, irá mudar a situação dos acampados e prepará-los para a alta sustentabilidade no assentamento. Tanto os acampados como o coordenador tem grande descrença em órgãos governamentais. As crianças dependem do ônibus da prefeitura para ir à escola, esse, só passa a tarde e traz as crianças ao anoitecer. Este acampamento é coordenado pelo SINTRAF/CUT – Sindicato da Agricultura Familiar/Central Única dos Trabalhadores. Em termos de consciência política dos seus direitos os acampados demonstraram, em seus depoimentos, estarem convencidos de que a luta pela terra tem que ser feita coletivamente por meio dos acampamentos, todavia evidenciavam também uma certa centralização do poder em torno da figura do coordenador, pois era constante a

referência a este como a pessoa responsável pelos sucessos da luta em contradição com o entendimento da luta coletiva.

- Santa Isabel

O acampamento Santa Isabel, com um ano e quatro meses, até então, com quarenta e duas (42) famílias cadastradas, mas somente vinte e cinco (25) acampadas; disputavam a fazenda Junqueira com outro acampamento, o Margarida.

Não é obrigatória a permanência dos sem terra nos barracos de lona, mas há uma quantidade de dias estipulados para que não haja abandono do acampamento.

Por não ter água encanada, nem nenhuma fonte de água potável por perto, dependem da ajuda de órgãos públicos locais para o abastecimento, que ocorre duas vezes por semana. Quanto à alimentação, também recebem ajuda, com cestas básicas advindas da organização em conjunto com órgãos públicos. Mas como estava em atraso o envio das cestas decidiram plantar alguns alimentos para própria subsistência, o que não se fazia até então.

Notamos que embora este assentamento também fosse organizado pelo MST, inclusive com a bandeira do Movimento hasteada, a situação de abandono era evidente, a carência inclusive de alimentos também era grande, situação que parecia minar a resistência das famílias que teimosamente ainda resistiam no local. A situação beirando a desorganização talvez pode ser explicada pelo fato de que este assentamento encontrava-se isolado no meio de assentamentos organizados pelo SINTRAF/CUT.

- Margarida

No acampamento mediado também pelo SINTRAF/CUT, o Margarida, a situação é um pouco parecida com o Santa Isabel, embora a coordenação seja diferente. Nesse acampamento a responsabilidade é dividida entre dois coordenadores, Antônio e Eliseu, tendo quarenta e sete (47) famílias, a grande preocupação era com o possível não assentamento, logo que disputam a mesma fazenda com o acampamento Santa Isabel, portanto o número de famílias ultrapassava as condições de assentamento na fazenda. Esta foi a única situação de disputa entre acampamentos que encontramos, embora os depoimentos tentassem disfarçar o problema do conflito entre o MST e o SINTRAF por pleitearem a mesma área para assentamento (ambos disseram ter chegado primeiro no local), concluímos que as dificuldades vivenciadas (famílias desanimadas, falta de água e alimentação) eram em grande parte em função do fato de que estavam em disputa entre eles, o que deixava a luta contra o fazendeiro ainda mais complexa.

Ainda, segundo os coordenadores e os acampados, o maior problema enfrentado por eles é a falta de assistência jurídica.

Um fato interessante é que grande parte dos acampados do Margarida eram filhos de assentados da região, sendo estes filiados ao SINTRAF. Neste assentamento também apareceu a questão da formação de cooperativa para organizar a produção no futuro assentamento.

Segundo Maria dos Santos, ex-coordenadora do acampamento Santa Isabel e atual acampada do Margarida, “a estrutura aqui é bem montada, então espero ter minha terra para ter uma velhice segura”. (Maria dos Santos - acampada - 19 de junho de 2004).

- Moeda

O acampamento Moeda foi um caso a parte em nossa pesquisa; não só por ser o único a ser mediado pelo sindicato dos trabalhadores Rurais ligado a FETAGRI - Federação dos Trabalhadores Rurais do Mato Grosso do Sul, mas por não ter uma área/fazenda definida para o assentamento das famílias. Os acampados explicaram que montaram o acampamento naquele local da rodovia porque era próximo a um córrego que supria a necessidade de água. Eles, em sua maioria, eram idosos, e não estavam bem informados da sua condição e situação de sem terra, a quase todas as perguntas sobre a luta pela terra a resposta era idêntica: “a presidente do sindicato é que sabe”.

Segundo eles, o sindicato não prioriza a permanência dos acampados, permanecendo uns poucos (lá encontramos apenas 12 famílias residindo, mas eles disseram que o cadastro do acampamento é de 300 famílias).

Não são auxiliados pela prefeitura e pagam uma taxa de inscrição para se filiar ao sindicato de quinze (15) reais e uma mensalidade para permanecer no cadastro do acampamento de sete (7) reais.

A assistência médica é outro problema apontado, sem nenhuma plantação de ervas medicinais como no Lagoão, quando necessitam de atendimento médico locomovem-se até a cidade. Todos os acampados entrevistados reclamavam do preconceito que sofrem quando vão para a cidade ou até mesmo dos motoristas que passam na rodovia.

Notamos entre os acampados um sentimento de dependência em relação ao sindicato demonstrando assim certa fragilidade na compreensão da luta como sujeito dela e da história. Pareciam não compreender que a conquista da terra era tarefa deles, assim a luta pela terra no sentido do enfrentamento, do conflito, não apareceu nos depoimento, na verdade, disseram estar seguindo a orientação da presidente do sindicato que ia resolver o problema sem conflito com os fazendeiros. Situação que achamos séria até mais do que o fato de não terem uma área definida para pleitear a desapropriação.

As 12 famílias disseram viver da ajuda de parentes e do pouco trabalho realizado, de forma periódica, na região em torno do acampamento.

Conclusões

A utilização de fontes orais foi essencial para a realização deste trabalho, além das pesquisas teóricas nas demais fontes. Mas acima de tudo, este projeto de extensão foi fundamental porque proporcionou a aproximação entre teoria e pesquisa empírica, sendo esta última de fundamental importância para que houvesse um maior conhecimento da situação enfrentada por aquela parte da sociedade que luta pela terra. Nestes espaços, que conhecemos por acampamento, pessoas de culturas distintas, trajetórias diferentes passam a viver juntas no intuito de conseguir “um pedaço de chão” para dar início ou continuidade a um ideal: viver com dignidade na terra conquistada.

Assim, embora a vida desses homens e mulheres seja sofrida, podemos destacar um fato que as une na luta pela terra, independentemente da organização, o sonho comum da terra de trabalho¹.

Não basta as carências [...]. As lutas se agravam a partir da articulação de carências e setores organizados [...]. A conscientização

¹ MARTINS, J. S. “Expropriação e Violência”. 1991.

transformadora não se constrói a partir da existência dos problemas.
Ela se constrói no próprio processo das lutas. (GOHN, 1991, p. 57).

No entanto, é preciso destacar que a consciência adquirida de ser sujeito da luta pareceu de forma bastante diferente principalmente entre o acampamento Moeda da Federação dos Trabalhadores Rurais do Mato Grosso do Sul – FETAGRI, e do MST (acampamento Lagoão). Ou seja, a ocupação e a luta coletiva como o centro norteador da luta pela terra presente no acampamento Lagoão dá as famílias ligadas ao MST resultados mais rápidos e positivos, bem como uma vida menos sofrida.

Malditas sejam

Todas as cercas!

Malditas todas as

Propriedades privadas

Que nos privam

De viver e de amar!

Malditas sejam todas as leis,

Amanhadas por poucas mãos

Para ampararem cercas e bois

E fazer da terra escrava

E escravos os humanos!

(CASALDÁLIGA, 1982 apud OLIVEIRA, 1987).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMOVAY, Ricardo. Nova Forma de Luta pela Terra: acampar. In: - **Revista ABRA**. Campinas/SP, ano 15, nº 02, maio/julho, 1985.

ALMEIDA, R. A. **Vida e luta dos acampados da Bacia do Alto Paraná**. Três Lagoas. 2004. (Relatório do Projeto de Extensão).

ALMEIDA, Rosemeire A. O Acampamento e as práticas da distinção: para além da forma. In: - **Identidade, Distinção e Territorialização: o processo de (re)criação camponesa no Mato Grosso do Sul**. 2003. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

GARRIDO, Joan Del Alcázar I. As fontes Orais na Pesquisa Histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de Historia**. São Paulo: ANPUH, vol. 13, nº 25/26, set 92/ago 93, p.33-54.

GOHN, Maria da G. Movimentos sociais urbanos no Brasil: manifestações concretas. In: -
Movimentos Sociais e luta pela moradia. São Paulo. Loyola, 1991, p. 57.

MARCON, Telmo. **Acampamento Natalino: história da luta pela reforma agrária.** Passo Fundo:
Ediupf, 1997.

MARTINS, José de Souza. **Expropriação e Violência: a questão política no campo. São Paulo.
Hucitec. 1982.**

MST. **Construindo o Caminho.** São Paulo: MST, 2001.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **Barbárie e modernidade: o agronegócio e as transformações no campo.**
São Paulo: [s.n], 2003. (Mimeografado)

_____. **Amazônia: monopólio, expropriação e conflitos.** Campinas, Papirus, 1987.